

A percepção de violência no esporte: uma visão dos alunos do ensino médio do colégio Pedro II, *campus* São Cristóvão/Rio de Janeiro

Perception of violence in sport: a view of students of Pedro II high school, *campus* São Cristóvão/Rio de Janeiro

Percepción de la violencia en el deporte: una visión de estudiantes de la escuela secundaria Pedro II, *campus* São Cristóvão/Rio de Janeiro

Recebido: 05/07/2022 | Revisado: 14/07/2022 | Aceito: 15/07/2022 | Publicado: 22/07/2022

Leandro Guimarães Vargas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7715-1315>
Colégio Pedro II, Brasil
E-mail: Prof.leandrogvargas@gmail.com

Maurício Murad

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6451-2916>
Universidade Salgado de Oliveira, Brasil
E-mail: m.mauriciomurad@gmail.com

Silvio de Cassio Costa Telles

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2652-6118>
Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: silvioteles@ufrj.br

Roberto Ferreira dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0168-5286>
Universidade Salgado de Oliveira, Brasil
E-mail: rob.fersantos1949@gmail.com

Resumo

O estudo busca identificar e analisar a visão dos jovens em relação à violência no esporte e suas implicações nos esportes praticados no ambiente escolar. Os objetivos específicos são: verificar o nível de preocupação dos jovens do Colégio Pedro II, *campus* São Cristóvão III, com a violência no esporte escolar; analisar quais esportes se mostram mais propensos às manifestações de violência, segundo esses jovens e; identificar, segundo os alunos do Pedro II, os possíveis fatores influenciadores de atitudes violentas no esporte. Utilizamos a abordagem qualitativa, e ao todo, 132 jovens participaram do trabalho (121 questionários e 11 entrevistas). Usamos a categorização como método de análise dos dados. A competitividade exagerada, a falta de educação e a falta de controle emocional foram os mais lembrados entre os fatores influenciadores de atitudes violentas no esporte. Diante dos dados, pressupõe-se, que nosso processo civilizatório, com base em Elias e Dunning, não está totalmente estabelecido.

Palavras-chave: Violência no esporte; Processo Civilizatório; Violência no futebol; Percepção de violência.

Abstract

The study seeks to identify and analyze the view of youth in relation to violence in sport and its implications in sports practiced in the school environment. The specific objectives are: to verify the level of concern of young people from Pedro II College, São Cristóvão III campus, about violence in school sports; analyze which sports are more prone to manifestations of violence, according to these young people; identify, according to Pedro II students, the possible influencing factors of violent attitudes in sport. We use the qualitative approach and in all, 132 young people participated in the work (121 questionnaires and 11 interviews). We use categorization as a method of data analysis. Exaggerated competitiveness, lack of education and lack of emotional control were the most remembered among the factors influencing violent attitudes in sport. Given the data, it is assumed that our civilizing process, based on Elias and Dunning, is not fully established.

Keywords: Violence in sport; Civilizing Process; Violence in football; Perception of violence.

Resumen

El estudio busca identificar y analizar la visión de los jóvenes en relación con la violencia en el deporte y sus implicaciones en los deportes practicados en el entorno escolar. Los objetivos específicos son: verificar el nivel de preocupación de los jóvenes del Colegio Pedro II, *campus* de São Cristóvão III, sobre la violencia en los deportes escolares; analizar qué deportes son más propensos a manifestaciones de violencia, según estos jóvenes; Identificar, según los estudiantes de Pedro II, los posibles factores influyentes de las actitudes violentas en el deporte. Utilizamos

el enfoque cualitativo, y en total, 132 jóvenes participaron en el trabajo (121 cuestionarios y 11 entrevistas). Utilizamos la categorización como método de análisis de datos. La competitividad excesiva, la falta de educación y la falta de control emocional fueron los factores más recordados entre los factores que influyen en las actitudes violentas en el deporte. Dados los datos, se supone que nuestro proceso civilizatorio, basado en Elias y Dunning, no está del todo establecido.

Palabras clave: Violencia en el deporte; Proceso civilizatorio; Violencia en el fútbol; Percepción de la violencia.

1. Introdução

Em seu relatório sobre violência e saúde de 2002, a Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que violência é “o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (Krug, *et al.*, 2002, p. 05)

Ainda sobre o relatório, a OMS (Krug, *et al.*, 2002) afirma que a violência é o resultado da complexa interação de características individuais, que levam em consideração os fatores históricos, sociais, biológicos e pessoais que uma pessoa traz em seu comportamento e que podem afetar a possibilidade de ela ser vítima ou perpetrador da violência; o nível relacional, que diz respeito à conjuntura social imediata, que são as relações mais próximas, como companheiros(as) e membros da família; o contexto comunitário, que analisa as circunstâncias sociais mais amplas, como local de moradia, local de trabalho, instituições e condições sociais de acesso ou não acesso à serviços básicos; e os valores e crenças presentes na cultura a qual o indivíduo está inserido, tais como violência doméstica como forma de educação, violência de gênero, exposição à violência nos meios de comunicação em massa, abuso de autoridade das forças policiais etc.

O esporte, assim como outras instituições da sociedade tem sofrido com manifestações cada vez mais rotineiras de violência em todas as suas formas. Elias e Dunning (1992), afirmam que o esporte se apresenta como um campo de considerável significado social e, apesar disso, por muito tempo foi ignorado como um objeto de reflexão sociológica. Reforçando essa ideia, o autor afirma que “o desporto não é considerado como um fenômeno que levante problemas sociológicos de significado equivalente aos que habitualmente estão associados como negócios ‘sérios’ da vida econômica e política” (Elias & Dunning, 1992, pág. 17).

A compreensão de violência no esporte baseia-se no uso físico e/ou do constrangimento psíquico para obrigar alguém a agir de modo contrário à sua natureza e ao seu ser, dentro do ambiente esportivo, praticado, quer seja pelos praticantes ou pelos espectadores (Chauí, 2001). Sendo assim, nesse meio a violência pode se apresentar, se produzir e se reproduzir a partir de razões que muitas vezes não são oriundas à prática esportiva. Nesse caso, parte da sociedade utiliza o meio esportivo para manifestar e exprimir suas atitudes agressivas. Desta forma, o esporte pode funcionar como espelho de uma sociedade violenta. Murad (2017) salienta que “ocultos na multidão, os humanos se tornam agressivos, violentos, e se permitem fazer o que não aceitam, ou dizem que não aceitam, quando fora de um grupo” (Murad, 2017, p. 80).

Entretanto, o esporte também pode ser visto como uma forma de descarregar a agressividade oriunda da agitação da vida nas grandes cidades. Nessa perspectiva, expectadores ou praticantes de atividades esportivas se sentem melhores após a apreciação ou prática dos mesmos, pois liberam as tensões acumuladas no dia a dia corrido a qual estão submetidos. Nessa linha, Elias e Dunning (1992) reconhecem que

[...]as tensões miméticas das atividades de lazer e excitação com elas relacionada, isenta de perigo ou de culpa, podem servir como antídoto das tensões provenientes do *stress* que, no quadro da repressão global estável e harmoniosa característica das sociedades complexas, se verifica entre os indivíduos” (Elias & Dunning, 1992, p. 73).

No panorama social, o remédio contra a violência é a capacidade que a sociedade tem de incluir, ampliar e universalizar os direitos e a cidadania. No enfoque pessoal, o contrário de violência pressupõe o reconhecimento da humanidade e da cidadania do outro, o desenvolvimento de valores de paz, de solidariedade, de convivência, de tolerância, de

capacidade de intermediação e de solução de conflitos pela discussão e pelo diálogo. Minayo (2008) reforça essa ideia afirmando que “por ter a cara da sociedade que a produz, a violência pode aumentar ou diminuir pela força da construção social” (Minayo, 2008, p. 25).

Nessa lógica, o esporte teve significativa função na construção de sociedades menos violentas e, para Elias e Dunning (1992), os esportes modernos têm papel ‘civilizatório’ no contexto da história contemporânea de nossas sociedades atuais, pois ajudam a conter e controlar os ‘impulsos naturais’, a segurar os excessos.

Diante do exposto, o presente estudo busca identificar e analisar a visão dos jovens em relação à violência no esporte e suas implicações nos esportes praticados no ambiente escolar, verificando o nível de preocupação dos jovens do Colégio Pedro II, *campus* São Cristóvão III, com a violência no esporte escolar, analisando quais esportes se mostram mais propensos às manifestações de violência, segundo esses jovens e os possíveis fatores que contribuem para o surgimento de atitudes violentas no esporte.

2. Metodologia

O processo de investigação que norteou a temática do trabalho, se situará na metodologia do estudo de caso (Yin, 2010). A coleta de dados aconteceu no ambiente natural e cotidiano dos participantes da pesquisa e tem como objetivo a obtenção de dados (que serão transformados em informações) dos participantes, tais como percepções, imagens mentais, crenças, emoções, interações, conceitos, pensamentos, experiências e vivências manifestados na linguagem do indivíduo (Sampieri, Collado & Lucio, 2013).

O trabalho conta com dois instrumentos para a coleta dos dados. O primeiro deles foi o questionário semiaberto ou misto (Gil, 2008). Esse instrumento foi respondido por 121 jovens, contou com 12 perguntas e demorou, em média, oito minutos para ser respondido. O segundo instrumento foi a entrevista semiestruturada (Lüdorf, 2017) que se baseou em um roteiro de perguntas e o entrevistador teve a liberdade de fazer outros questionamentos para precisar e explorar alguma questão ou obter mais informações sobre o tema. Ao todo, participaram da entrevista 11 alunos e durou, em média, nove minutos.

Para a forma de tratamento dos dados coletados, utilizamos a análise de conteúdo (Bardin, 2016) como técnica, que tem como fundamento identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema, qualificando as vivências do sujeito, assim como suas percepções sobre determinado objeto e seus fenômenos.

2.1 Categorização

Utilizamos o procedimento metodológico da categorização para agrupar e distribuir as partes em categorias. Podemos considerar categorização como “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos”. (Bardin, 2016, p. 117). As categorias são divididas em classes, as quais agrega um grupo de elementos (unidades de registro) ante um título genérico.

Em conformidade com os objetivos específicos e usando os critérios semânticos (Bardin, 2016), criamos, a priori, três macro categorias: Nível de preocupação com violência no esporte; Esportes propensos a manifestações de violência; e Fatores influenciadores da violência no esporte. Em seguida, subcategorias surgiram originárias das grandes categorias.

A obtenção dos dados referentes a primeira macro categoria, se deu através de uma escala presente no questionário, onde os participantes relatam o seu nível de preocupação com a violência no esporte. A escala possui cinco subcategorias: total preocupação, onde o aluno demonstra estar profundamente preocupado com a violência no meio esportivo; muita preocupação, onde o aluno demonstra ter grande preocupação com a violência nos esportes; relativa preocupação, onde o participante aponta ter uma preocupação mediana com as questões de violência no esporte; pouca preocupação, onde o participante relata ter limitada preocupação; e nenhuma preocupação, onde o aluno demonstra não ter nenhum tipo de preocupação com a violência no

meio esportivo. Essa subcategoria foi definida a priori, e a mesma escala foi aplicada para obter e comparar dados referentes à preocupação dos participantes com a violência no ambiente escolar, de uma forma geral.

Com a finalidade de apontar quais esportes se mostram mais propensos às manifestações de violência, utilizamos a entrevista, com uma pergunta direcionada a esse conteúdo, onde os participantes respondiam, com sua opinião, qual esporte, entre os conhecidos por eles, apresentam a maior presença de situações de violência, seguido de sua justificativa para tal escolha. Após a análise do material colhido, a subcategoria Futebol surgiu a posteriori pela grande maioria dos participantes que acham que esse esporte é o mais propenso às manifestações de violência.

Já para chegarmos aos conhecimentos pertinentes a terceira macro categoria, aproveitamos os dois instrumentos da coleta de dados, questionário e entrevista, com a finalidade de cruzar as informações, ratificar e aprofundar nas questões associadas aos fatores influenciadores de atitudes violentas. Durante a interpretação dos dados relativos aos questionários e às entrevistas, separamos o material colhido em 12 subcategorias que surgiram a posteriori, agrupando as respostas dos participantes, facilitando a análise. As categorias criadas foram: **1.** Rivalidade excessiva, onde a condição de rival acaba sendo confundida com a condição de inimigo; **2.** Competitividade exagerada, importância do jogo, em jogos como finais, semifinais, clássicos etc., a vontade de vencer, a pressão pela vitória acaba ultrapassando os limites do torcer de forma limpa e/ou do jogar de forma limpa; **3.** Impunidade, onde a falta de punição e a sensação de anonimato acabam estimulando novas atitudes violentas; **4.** Preconceito e discriminação (Masculinidade / estereótipos), na qual as questões relacionadas ao preconceito racial, discriminação de gênero e estereótipos no tocante a masculinidade incita a violência no esporte; **5.** Falta de educação / respeito, relaciona-se a uma educação social e cultural, de valores, de respeito ao próximo, civilidade, de entendimento que nem tudo se resolva com violência; **6.** Fanatismo, refere-se a toda atitude exagerada, radical, compulsiva direcionada ao meio esportivo, ao time que torce ou defende; **7.** Contato físico, onde algumas modalidades esportivas que apresentam muito contato físico são mais propícias a serem mais violentas; **8.** Falta de controle emocional, em que o nervosismo, a adrenalina, a impulsividade podem ocasionar tomadas de decisões violentas; **9.** Reflexo da sociedade, remete a desigualdade presente na nossa sociedade, o que a torna extremamente violenta, atingindo o meio esportivo; **10.** Erros de arbitragem ou na organização, na qual o torcedor/jogador se sente injustiçado por conta de erros de arbitragem e/ou na organização e por conta disso age de forma violenta; **11.** Individualidade e subjetividade, refere-se ao entendimento que todos somos diferentes, temos caracteres diferentes, fatores ambientais distintos e por conta disso agimos de forma diferente nas questões relacionadas a violência; **12.** Exemplo dos profissionais, que faz referência à influência que os atletas profissionais têm no surgimento de atitudes violentas dos torcedores, seja agindo de forma violenta ou incitando a violência.

Cabe sinalizar que, para que pudesse ser realizada, a pesquisa está de acordo com as normas determinadas pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS 466/12, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética da Universo Salgado de Oliveira – UNIVERSO – CAAE: 23007919.2.0000.5289, Número do Parecer: 3.846.048.

3. Resultados e Discussão

De uns anos para cá, até o ambiente escolar deixou de ser um local seguro e passou a conviver com situações cada vez mais rotineiras de violência. Nesse sentido, poucos alunos não demonstraram preocupação com a violência no ambiente escolar (Gráfico 1, cor azul). Apesar do Colégio Pedro II, *campus* São Cristóvão III, ser uma escola com poucas situações de violência aparente, há um elevado número de participantes (Gráfico 1, cor azul) que demonstram relativa ou muita preocupação com a violência no universo escolar.

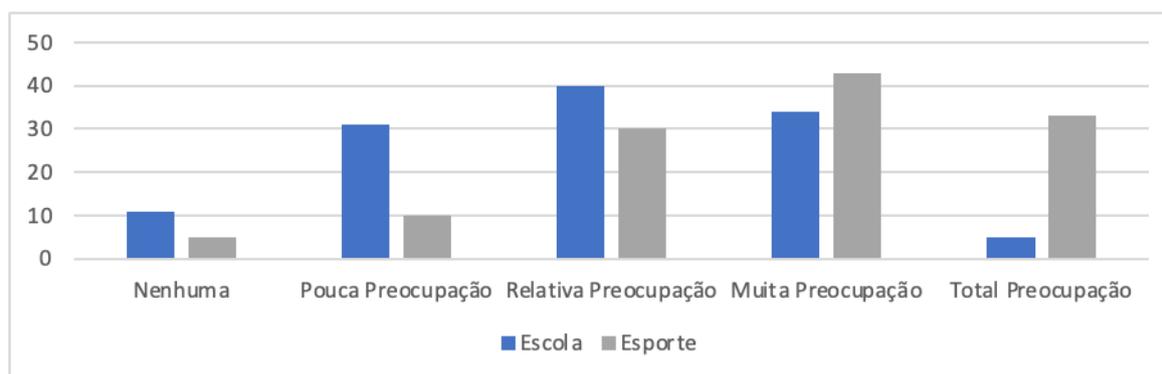
Esses resultados refletem o medo e apreensão constantes com tudo que seja relacionado à violência. Como sugeriu Aquino (1998), há um “entrelaçamento” (Aquino, 1998, p.10), uma mútua influência entre as instituições sociais e a escola.

Corroborando essa fala, Guimarães (1996) trata a escola ora como vítima da violência externa, ora como produtora de violência. Convivemos com o medo, receio e incerteza e transferimos esses sentimentos também para dentro da escola.

No cenário esportivo, os resultados são ainda mais alarmantes, visto que o número de participantes (Gráfico 1, cor cinza) que afirmou não ter preocupação com a violência nesse meio foi mais da metade se comparado com os do ambiente escolar. Além disso, se somarmos os jovens que têm relativa, muita ou total preocupação com a violência no esporte, chegamos ao espantoso número de mais de 85% (106 participantes). Esses dados retratam como os jovens estão preocupados com a violência no meio esportivo, principalmente no futebol, que é o esporte preferido de cerca de 70% da população brasileira (Murad, 2017).

Essa preocupação se deve aos inúmeros casos de violências que ocorrem nas práticas esportivas, em particular nas de elevado nível competitivo. Seja no campeonato interno da escola (como jogadores ou espectadores), onde muitos participantes já presenciaram situações de violência, como espectadores em estádios, ginásios, quadras ou mesmo como telespectadores, ocorrências relacionadas à violência são comuns, especialmente se pensarmos que o esporte mais consumido e praticado por esses jovens é o futebol. Abaixo o Gráfico 1 que mostra o comparativo entre a preocupação dos participantes da pesquisa com a violência na escola e no esporte.

Gráfico 1. Comparativo entre a preocupação de violência na escola e no esporte.



Fonte: Autores.

O futebol é um símbolo muito forte dos nossos valores e da nossa cultura, umas das raízes centrais de nossa identidade. Dessa ligação tão próxima do brasileiro com o futebol, Murad (2017) ressaltou que “sem dúvida, é uma das identidades brasileiras mais pregnantes. Sendo assim, o futebol, além de esporte, é um caminho para entender o próprio país, no que ele tem de ‘bom’ e de ‘ruim’ (Murad, 2017, p. 32). Da Matta, *et al.* (1982) reforça essa ideia ao afirmar que “o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (DaMatta, *et al.*, 1982, p. 21).

Posto isso, grande parte dos participantes (mais de 80%) alegaram achar o futebol o esporte mais propenso as manifestações de violência. Não podemos deixar de considerar, como já exposto, que o futebol é o esporte de maior impacto e relevância social. Nessa perspectiva, o futebol é considerado um ‘fato social total’, conceituado por Mauss (1974) “como aqueles fenômenos complexos, pelos quais o conjunto das instituições se exprime e o todo social pode ser observado” (Mauss, 1974), ou seja, por meio do futebol pode-se observar e interpretar o conjunto das instituições de uma estabelecida estrutura social.

Consequentemente, o futebol faz-se um instrumento cultural de investigação, reflexões e saberes sobre os fundamentos das estruturas sociais do nosso país, de nossos modos de ser, de nossos dilemas, contradições e capacidade de superação de questões históricas e sociológicas. Assim, como nosso país tem números de países em guerra, em termos de

ocorrências letais e não letais (Souza & Lima, 2006), no futebol, o Brasil ocupa o primeiro lugar em mortes comprovadas de torcedores, causadas por conflitos entre grupos violentos e delinquentes (Murad, 2017).

Portanto, trata-se da violência no futebol e não da violência do futebol. Essa violência é de origem mais ampla, que atinge a sociedade de uma forma geral. Para Murad (2017) os principais fatores são o desemprego e o subemprego, a falta de uma educação efetiva e de qualidade, uma cidadania de baixa intensidade (falta de consciência social, de valores coletivos, culturais, políticos, éticos), o tráfico de drogas, o mercado ilegal de armas e o crime organizado, o descaso das autoridades públicas, a desagregação das referências e dos valores familiares e escolares, a falta de policiamento ostensivo e preventivo, a impunidade, a corrupção. Um retrato dessa violência chegando no futebol fica explícito no relato abaixo:

Eu falei que eu joguei dos cinco aos sete. Eu parei aos sete anos, porque eu fui jogar num bairro que eu esqueci o nome agora, eu acho que foi na Pavuna, a torcida do lado de fora estava gritando muito no meu ouvido, estava falando: 'ah, eu vou te matar', tal. Uma criança de sete anos. Aí eu peguei trauma daquilo e parei. [...] Quando eu voltei a jogar, com 13, eu fui jogar em Bangu, aí a torcida estava do mesmo jeito, falando: 'ah, vou te matar, sei lá o que'. Só que naquela situação eu consegui segurar um pouco mais o medo (Participante 03).

Como citou Murad (2017), somente uma falta de consciência social, de valores coletivos e de educação de qualidade podem explicar uma torcida dirigir xingamentos e ameaças (de morte!) a uma criança de sete anos. O futebol é uma paixão nacional e a paixão intensifica as coisas e afasta os indivíduos de atitudes ponderadas e de maior responsabilidade (Murad, 2017). Além disso, por estarem em muitas pessoas, alguns indivíduos se sentem protegidos pelo anonimato que pensam ter na multidão, o que torna esse ato um ato de covardia.

Entre os entrevistados, todos relataram ter alguma experiência com violência no futebol. Isso explica o fato desse esporte ter sido o mais lembrado entre os propensos as manifestações de violência. Quando perguntado o porquê da escolha do futebol como esporte mais violento, o fator cultural foi citado algumas vezes, vide o relato abaixo:

Pela cultura. Infelizmente a cultura do futebol vem aí de muito tempo, a violência não é algo de hoje em dia, já é algo bem... com as torcidas organizadas envolvidas. Você vê que no vôlei, handball, dificilmente você vê um caso de violência. Mas no futebol pode ter certeza que todo mês você vai encontrar alguma notícia sobre (Participante 5).

Os estádios de futebol passaram a ser reconhecidos como espaços de violência, campos de guerra. Nos relatos podemos ver como essa violência está banalizada e, pior, naturalizada. São poucos os jogos entre times grandes do Rio de Janeiro (Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco), os chamados clássicos, que não vemos ocorrências de violência. Se forem jogos muito importantes, como semifinais ou finais, e/ou jogos com a presença maciça das torcidas, essas ocorrências são ainda maiores. Ao afirmar que a violência não é uma exclusividade do futebol, Murad (2017), entretanto, atesta que é no futebol, esporte de massa, que ela tem um campo fértil de proliferação. As paixões são afloradas, alguns torcedores se concentram em facções e o anonimato dos grupos incentiva a prática da violência individualmente refreada.

Contudo, é importante deixar claro não estamos falando de todos os torcedores, e sim de uma minoria de vândalos que oscila entre 5% e 7% entre os torcedores das torcidas organizadas (Murad, 2017). É um pequeno grupo, mas perigoso, armado, pronto para o embate, para o confronto. Variando entre a irracionalidade de atitudes covardes, intolerantes, enlouquecidas e a racionalidade pois se planeja, se programa, treina, arquiteta os ataques, as emboscadas, faz parcerias, de uma forma geral, organizada.

Essa violência cada vez mais presente nos estádios de futebol, causada majoritariamente por esses grupos, afasta os torcedores, que vão pelo prazer de torcer pelo seu time, pelo divertimento, pelo lazer oferecido por uma partida de futebol. No Campeonato Brasileiro de 2015, a taxa de ocupação dos estádios foi de apenas 40%, enquanto nos Estados Unidos essa taxa

chegou a mais de 70%, e olha que estamos falando do *soccer* e não do futebol americano (Murad, 2017). Esse afastamento fica ainda mais evidente quando se trata de clássicos ou jogos mais decisivos, como semifinais e finais, conforme os relatos abaixo:

Meu pai nunca me levou em clássico por medo e pela minha integridade física (Participante 2).

É, teve esse caso do jogo, que inclusive eu sou proibido pelos meus pais de ir jogos por conta do Flamengo, infelizmente. Mas é compreensível, porque, realmente, com duas experiências negativas, acabou servindo de embasamento para essa proibição. Assim, acho que um medo que eu posso citar é que extrapola os limites do estádio. Isso que me deixa bem assustado, sabe? (Participante 1)

Eu nunca fui num Vasco e Flamengo, mesmo sendo torcedor do Vasco, porque eu tenho realmente medo da violência. (Participante 5).

Eles (pai e mãe) preferem que a gente vá para um jogo mais tranquilo do que uma decisão, um clássico. [...], mas, tipo, a gente prefere um jogo mais tranquilo do que uma decisão, porque a gente sabe que pode rolar briga. (Participante 8)

Entre as experiências negativas citadas pelo participante 1, está o caso do torcedor do Flamengo que enfiou um espeto de churrasco em um torcedor do Botafogo, nos arredores do Estádio Nilton Santos. Essa situação também foi lembrada por outro participante. O jovem se recorda bem como foi:

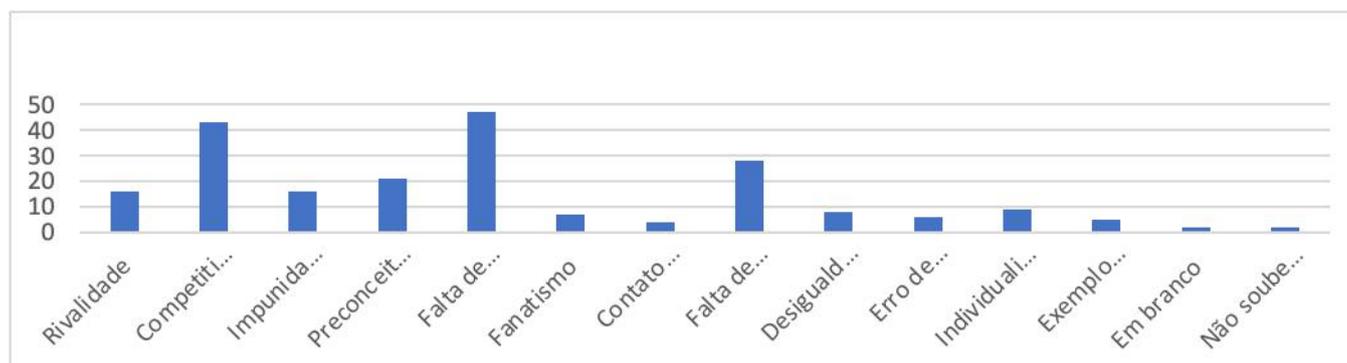
[...] no campeonato carioca de 2017, um jogo entre Botafogo e Flamengo no estádio Nilton Santos, com mando do Flamengo, eu acho, que a entrada foi muito conturbada. Esse foi o jogo em que o torcedor botafoguense foi assassinado com aquele espetinho de churrasco. Eu cheguei no estádio, estava com o meu pai e a minha irmã, eles são flamenguistas, então a gente se separou, eles foram para o lado do Flamengo e eu fui para o lado do Botafogo. Foi bem tenso (Participante 1).

Tais relatos demonstram uma situação de barbárie social, onde os indivíduos de determinado grupo social ignoram as leis previstas pela legislação oficial e agem por contra própria. Uma criança de sete anos ser ameaçada de morte em uma partida de futebol e um rapaz enfiar um espeto de churrasco em outro pelo fato dele torcer por outro time exemplificam o que foi afirmado. Gostaríamos de salientar que o processo civilizador, trazido por Elias e Dunning (1992), através da parlamentarização e esportização era um processo histórico para superação da barbárie, da resolução dos conflitos através da violência, uma crescente regularidade de conduta e de sensibilidade. Para Elias e Dunning (1992), no processo de civilização já consolidado, os esportes garantem a vivência de uma total excitação agradável, necessidade elementar dos seres humanos, sem os riscos de uma desordem social e ferimentos mútuos. Murad (2009) salienta que ultrapassar os limites da civilidade é confrontar o processo civilizador e cita como exemplo a violência no futebol, dentro e fora das quatro linhas, o qual ele chama de “descivilizador” (Murad, 2009, p. 108).

Sendo assim, a violência presente no futebol brasileiro faz com que esse esporte vá no caminho oposto à esportização, que tem como objetivo substituir os passatempos cruéis e violentos pelos esportes regulamentados, tendo assim seu papel civilizador. Ademais, o mesmo deveria contribuir na assimilação de regras, lei e normas presentes na sociedade, assim como auxiliar os indivíduos na busca do autocontrole em prol de uma diminuição de práticas violentas e intolerantes, entretanto, o futebol como fenômeno social atua mais como “descivilizador” (Murad, 2009, p. 108), já que, pelos relatos dos participantes da pesquisa, a violência ainda é muito presente no meio do citado esporte.

São muitos os motivos que, segundo os participantes da pesquisa, podem influenciar no surgimento de atitudes violentas no esporte. Como já foi explanado, o futebol domina grande parte da mídia e interesse dos brasileiros, logo, muitas das respostas, provavelmente são oriundas das experiências relacionadas ao futebol. Assim, segue abaixo o Gráfico 2 que traz os fatores influenciadores para o surgimento de atitudes violentas no esporte, segundo os participantes da pesquisa.

Gráfico 2. Fatores influenciadores de atitudes violentas no esporte.



Fonte: Autores.

Entre todos os fatores que foram mencionados, a “falta de educação” foi a mais citada pelos participantes, sendo escolhida pelos jovens como a maior causa de atitudes violentas no meio esportivo. É através da educação que a sociedade transmite conhecimentos e normas de conduta padrões aos jovens e às crianças. A família e a escola (não as únicas) são duas instituições básicas responsáveis pelo processo de socialização de qualquer indivíduo, fundamental para formação de cidadãos éticos e respeitosos. Meios de comunicação, religião, mundo do trabalho etc., são exemplos de instituições que também tem essa função, entretanto, nosso foco de análise será na instituição familiar e na instituição escolar.

De acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), realizado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2016), a educação brasileira está entre as piores do mundo. Entre 70 países que participaram do programa, nosso país ocupa a 65ª posição, atrás de países como Albânia, Colômbia e México. Os dados do Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica) de 2017, reforçam a ineficiência do sistema educacional brasileiro constatando que sete a cada dez jovens têm nível insuficiente no ensino médio. Além disso, somente 1,64% dos jovens do terceiro ano do ensino médio apresentam conhecimento adequado em português. Deste modo, a maioria dos estudantes brasileiros não consegue localizar informações explícitas em artigos de opinião e resumos.

Para Murad (2017), a instituição escolar, assim como a familiar, está abalada. Para o autor, a desvalorização da imagem da escola, da profissão de professor e da formação gera o descaso, a indiferença, a falta de consciência, a intolerância, a agressão, o *bullying*, o trote, o preconceito e a agressividade. Em suma, a violência.

A falta de políticas públicas de qualidade, violência contra a escola (Ristum, 2001), que valorize o professor, seu local de trabalho, dando-lhe melhores condições, formação continuada e salário digno são algumas das medidas que poderiam modificar o atual cenário. Além do mais, é necessário o reconhecimento social da relevância da educação por parte da nossa sociedade e da sua importância na construção de um país melhor e menos violento.

A ausência da instituição familiar também pode contribuir para o surgimento de atitudes violentas em jovens, principalmente, os de camadas mais pobres. Vethencourt (1990), em seu estudo sobre o surgimento de atitudes violentas, atesta que um aspecto importante de manifestações de violência está ligado à desorganização do comportamento em relação aos valores socialmente aceitos. E é na família que crianças e jovens encontram sustentação para consolidar seu processo de socialização, incorporando valores de tolerância, de aceitação das diferenças, de igualdade, de obediência as leis, de valorização da liberdade, de respeito aos valores humanos e democráticos, de direitos e deveres etc.

Entretanto, a falta dessa instituição na vida dos jovens pode fazer com que ele ache nas Torcidas Organizadas (TOs) uma ‘segunda família’, sendo exposto a situação de violência, uso de armas de fogo, consumo de álcool e drogas etc. Importante lembrar que esses torcedores perigosos dentro das TOs são minoria, mas bastante perigosos. Segundo o Modelo ecológico para compreender a violência (Krug, *et al.*, 2002, p. 05) (figura 1), a relação familiar mais próxima, o chamado nível

relacional, está entre os fatores de maior risco para episódios de violência. Logo, a falta do apoio familiar e a adoção das TOs como substitutas dessa instituição, podem levar, principalmente os jovens, a agir de forma violenta.

Portanto, vivemos uma crise de autoridade, seja dos pais, da escola e das forças públicas (Murad, 2017). O enfraquecimento da instituição familiar e escolar ajudam a aumentar o cenário de violência na sociedade, pois faltam informação, formação e conscientização. Esse aumento reproduz um clima de brutalidade e transgressão, afetando diretamente na violência no esporte, conseqüentemente, no futebol (Murad, 2017).

Conforme o gráfico apresentado, a competitividade exagerada oriunda da importância da partida está entre os fatores mais preocupantes para os jovens. O estudo de Barroso, *et al.* (2007) reforça a relevância desse item. Nesse estudo, foram consultados psicólogos que trabalham no meio esportivo (futebol) e esse quesito ficou em primeiro para os profissionais que participaram da pesquisa e constatou que “a violência em campo aumenta conforme as equipes progredem rumo ao final da competição” (Barroso, *et al.*, 2007, p. 156). Essa concepção é constatada nas narrativas abaixo:

Teve (violência) na final do campeonato do médio (ensino médio) uma briga entre dois times, teve dois moleques brigando sério. Era final, né? Era uma presença muito mais psicológica do que tem em outros jogos normais, né? Valia muita coisa. [...] Ah, toda final tem uma discussão, né? Tanto verbal, às vezes física tem um pouco. (Participante 2)

Eles (torcedores) não levam o jogo em si na esportiva, eles já vão para uma coisa pessoal. Como você pode ver, sei lá, toda final, num Fla x Flu, num Flamengo e Vasco, sempre acaba tendo uma agressão. (Participante 9).

Seja como espectador (torcedor) ou como praticante, fica evidente nos relatos o quanto a violência em jogos importantes, como final de campeonato, está naturalizada. Ao que parece, agir de forma violenta é intrínseco às finais ou jogos importantes. Samulski (1992) também aponta para esse caminho e destaca, entre outros fatores, que o surgimento de comportamentos violentos durante eventos esportivos tem ligação direta com a importância e expectativa sobre a partida.

A falta de controle emocional figura entre uma das grandes razões para a tomada de decisão violenta. O nervosismo, a adrenalina presente no jogo, e a impulsividade foram diversas vezes lembrados pelos participantes da pesquisa.

Eu acho que seja mais por estar lá na hora do jogo, você está de sangue quente, está nervoso, com o sistema nervoso aflorado, sabe? Eu acho que isso influencia muito. (Participante 6)

Ah, porque o futebol envolve mais essa coisa da emoção, leva mais emoção para a partida. Aí acaba que as vezes fica difícil controlar essa emoção e acaba ultrapassando o limite do esporte e vai para o sentimento de querer defender seu time a qualquer custo. (Participante 10).

Para Santos (1996), em sua análise sobre os trabalhos de Elias, essa seria a violência manifesta, que surge de uma reação não controlada, com características mais afetivas, pois aparece nos momentos de maior descontrole. Nenhum outro esporte mobiliza tanto os brasileiros quanto o futebol. Esse esporte é capaz de influenciar diversos segmentos da nossa sociedade e mexer com inúmeros sentimentos em nós, tais como paixão, empolgação, emoção, euforia, frustração etc.

O controle emocional é a habilidade de saber lidar com esses sentimentos citados, de forma que seja saudável para você e para as pessoas ao seu redor. Para Elias e Dunning (1992), os esportes modernos assumiram uma dimensão civilizacional, deixando de ser cruéis e violentos para se transformarem em atividades lúdicas, envolvendo emoção e catarse, mas também marcado pela presença de regras, de normas de convivência, de autocontrole. Nada obstante, Santos (1996) reitera que o aumento concomitante da pressão social sobre as pessoas para exercerem autocontrole na sexualidade, agressão, emoções de um modo geral e principalmente nas relações sociais, é um dos princípios do processo civilizacional. Porém, é exatamente a falta desse autocontrole que é apontada como uma das principais causas de violência no meio esportivo. Cabe frisar que os esportes se enquadram na cultura local, logo, pressupõe-se, como já foi apontado, que nosso processo civilizatório não está totalmente estabelecido.

A intolerância, o preconceito e a discriminação demonstrados nas formas mais diversas está presente na nossa sociedade e são apontados como fatores de violência no meio esportivo. Para Bourdieu (2012), o entendimento do esporte como um campo simbólico pressupõe uma tentativa de compreendê-lo de forma abrangente. Ou seja, é necessário estudar determinando esporte, buscando observar, por um lado, quais são as relações com outros esportes praticados na sociedade e, por outro lado, como esse esporte forma um conjunto que também se relaciona com os demais conjuntos sociais, dentro da estrutura social.

Uma análise mais profunda do racismo no futebol, violência psicológica (Krug, *et al.*, 2002) dentro dessa perspectiva, só pode ser feita se levarmos em consideração o racismo presente nas estruturais sociais. A ideia abstrata de superioridade de uma raça por outra, presente na violência simbólica institucional (Abramovay, 2002), encontra no futebol mais um espaço de manifestação.

O relatório Anual de Discriminação Racial no Futebol, fruto de uma parceria entre pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2018) e o observatório da Discriminação Racial no Futebol mostrou que o futebol concentra 90% dos casos de discriminação no esporte. Ainda, de todos os casos de discriminação no futebol, aproximadamente 70% deles são atrelados a discriminação racial. Os outros casos são relacionados à LGBTfobia (+ou- 16%), ao machismo (+ou- 9%) e a xenofobia (+ou- 5%). Essa violência racial também foi lembrada pelo participante 4, conforme a narrativa:

Ah sim, a gente presencia, né? Tanto, casos de violência verbal, violência física e preconceito também. Teve recentemente o Vinicius Junior, né? Contra o Botafogo. O jogador do Flamengo que sofreu racismo. Na Espanha também teve o Daniel Alves, que jogaram Banana para ele. (Participante 4).

No caso citado, o Vinicius Junior, na época jogador do Flamengo, no jogo contra o Botafogo no dia 03/03/2018, foi xingado de forma racista ao sair do gramado após ser expulso. No acontecido com o Daniel Alves, um torcedor do time rival (Villareal) aproveitou o momento em que o atleta estava próximo à linha lateral e atirou uma banana em sua direção. O atleta ainda era jogador do Barcelona, no ano de 2014.

Temos que entender o racismo como uma construção social. Preconceitos como a LGBTfobia, o machismo e o próprio racismo não nascem com ninguém, portanto, podem ser desconstruídos, enfrentados e vencidos. O futebol, por seu caráter popular, pode e deve ter um papel importante nesse combate, dando exemplos na busca por uma sociedade livre de atos de intolerância.

Se formos pensar no quadro social, a solução contra o preconceito é a qualidade que a sociedade tem de incluir, ampliar e universalizar os direitos e a cidadania. No aspecto pessoal, o contrário de preconceito deduz o reconhecimento da humanidade e da cidadania do outro, o desenvolvimento de valores de paz, de solidariedade, de convivência, de tolerância, de capacidade de intermediação e de solução de conflitos pela discussão e pelo diálogo, processo civilizatório.

4. Conclusão

No presente trabalho, nos propomos a analisar umas das vertentes da violência que assola nosso país: a violência no esporte. Em relação ao primeiro objetivo específico, os dados retratam um elevado nível de preocupação dos jovens com a violência no meio esportivo. Essa preocupação se deve aos inúmeros casos de violências que ocorrem nas práticas esportivas, em particular nas de elevado nível competitivo. Seja no campeonato interno da escola (como jogadores ou espectadores), onde muitos participantes já presenciaram situações de violência, como espectadores em estádios, ginásios, quadras ou mesmo como telespectadores, ocorrências relacionadas à violência são comuns, especialmente se pensarmos que o esporte mais consumido e praticado por esses jovens é o futebol. Entre os entrevistados, todos já viram alguma situação de violência no futebol, ora como praticante, ora como espectador.

Nenhum outro esporte mobiliza tanto os brasileiros como o futebol. Por aqui, o futebol é uma paixão e um símbolo muito forte dos nossos valores e da nossa cultura, umas das raízes centrais de nossa identidade. Diante disso, mais de 80% dos jovens entrevistados acham o futebol o esporte mais propenso as manifestações de violência. Não podemos deixar de considerar que o futebol é o esporte de maior impacto e relevância social.

Para Murad (2017) e Da Matta, *et al.* (1982), entender o futebol é uma forma de entender o Brasil, tamanha ligação da sociedade brasileira com esse esporte. Assim, o futebol faz-se um instrumento cultural de investigação, reflexões e saberes sobre os fundamentos das estruturas sociais do nosso país. Portanto, trata-se da violência no futebol e não da violência do futebol. Essa violência é de origem mais ampla, que atinge a sociedade de uma forma geral.

No processo de civilização já consolidado, os esportes garantem a vivência de uma total excitação agradável, necessidade elementar dos seres humanos, sem os riscos de uma desordem social e ferimentos mútuos, segundo Elias & Dunning (1992). O fenômeno da violência no futebol, dentro e fora das quatro linhas, contrapõe o processo civilizador e, segundo Murad (2009) atua como “descivilizador”.

A falta de educação foi escolhida pelos jovens como a maior causa de atitudes violentas no esporte. É através da família e da escola (não somente essas duas instituições) que o indivíduo é educado, portanto, socializado. Segundo a OCDE (2015) a educação brasileira está entre as piores do mundo e dados do Saeb (BRASIL, 2017) mostram que a grande maioria dos estudantes brasileiros não consegue localizar informações explícitas em artigos de opinião e resumos.

Para Murad (2017), a desvalorização da imagem da escola, da profissão de professor e da formação está diretamente ligada ao surgimento de diversos tipos de violência. A falta de políticas públicas de qualidade, que valorize o professor, seu local de trabalho, dando-lhe melhores condições, formação continuada e salário digno são algumas das medidas que poderiam modificar o atual cenário. Além do mais, é necessário o reconhecimento social da relevância da educação por parte da nossa sociedade e da sua importância na construção de um país melhor e menos violento.

A ausência da instituição familiar também pode contribuir para o surgimento de atitudes violentas em jovens, principalmente, os de camadas mais pobres. É na família que crianças e jovens encontram sustentação para consolidar seu processo de socialização, incorporando valores de tolerância, de aceitação das diferenças, de igualdade, de obediência as leis, de valorização da liberdade, de respeito aos valores humanos e democráticos, de direitos e deveres etc.

No que tange a participação dos professores de Educação Física, por meio do esporte, é possível transmitir conteúdos e valores civilizatórios. Por intermédio da prática esportiva, precisamos transmitir valores que fazem associação do indivíduo e sociedade. Nas aulas de educação física, os jovens aprendem a assimilar atitudes e sentimentos de grupo, como as regras de convivência; os limites entre o eu e o outro, o respeito mútuo, o trabalho em equipe, o planejamento das tarefas e a determinação de seus objetivos; o respeito à lei; a igualdade de oportunidades, a criatividade, a liberdade, a aceitação das diferenças; a inclusão, a não discriminação, a redução do egocentrismo (Murad, 2009).

Diante do exposto, recomendo para futuros estudos, um aprofundamento no que tange às práticas nas aulas de Educação Física que contribuem para a diminuição de atitudes violentas no meio esportivo, assim como estudos a nível mais amplo de medidas exitosas no que diz respeito ao combate à violência no futebol.

Referências

- Abramovay, M., *et al.* (2002). *Escola e violência. Brasília*: UNESCO, UCB, Observatório de Violências nas Escolas.
- Aquino, J. G. (1998). *A violência escolar e a crise da autoridade docente*. Cadernos Cedes, Campinas, ano XIX.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barroso, M. L., *et al.* (2017). *Fatores que geram violência no futebol: uma análise psicológica na região Sul do Brasil*. Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano.

- Bourdieu, P. (2012). O poder simbólico (16ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Chauí, M. (2001). *Convite à Filosofia*. 12 ed. São Paulo: Ática.
- Da Matta, R., et al. (1982). *Universo do futebol. Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek.
- Elias, S. N. & Dunning, E. (1992). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas.
- Guimarães, A. M. (1996). *A dinâmica da violência escolar: conflitos e ambiguidades*. São Paulo. Autores Associados.
- Krug, E. G., et al (2002). *World report on violence and health*. Geneva, World Health Organization.
- Ludorf, S. (2017). *Metodologia da pesquisa: do projeto ao trabalho de conclusão de curso*. Curitiba: Appris.
- Mauss, M. (1974). *Sociologia e antropologia: com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss*. Tradução de Lamberto Puccinelli. São Paulo, EPU.
- Minayo, M. C. S. (2008). *Mortes violentas no Brasil: 1980-2005*. Divulgação em Saúde para Debate, v. 41.
- Muard, M. (2009). *Sociologia e educação física: diálogos, linguagens do corpo, esportes*. Rio de Janeiro: FGV.
- Murad, M. (2017). *A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas*. 2.ed.rev. ampl. São Paulo: Selo Benvirá; Saraiva.
- OCDE. (2016). *Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico*. — São Paulo: Fundação Santillana.
- Ristum, M. (2001). *O conceito de violência de professores do ensino fundamental*. Salvador, BA. Tese de doutorado.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F. & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de pesquisa*. 5ª ed. Porto Alegre: Penso.
- Samulski, D. M. (1992). *Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/UFMG.
- Santos, R. F. (1996). *A violência no futebol português: uma interpretação sociológica a partir da concepção teórica de processo civilizacional*. 1996. 208 f. Dissertação (Doutorado em Ciências do Desporto). Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto. Porto.
- Souza, E. R. & Lima, M. L. C. (2006). *Panorama da violência urbana no Brasil e suas capitais*. Ciência & Saúde Coletiva.
- UFRGS. (2018). *Relatório anual da discriminação racial no futebol 2017 / Observatório da Discriminação Racial no Futebol, Museu da UFRGS*. Porto Alegre: Museu da UFRGS.
- Vethencourt, J. L (1990). *Psicologia da violência*. Gaceta. APUCV.
- Yin K, R. (2010). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4ª ed. Bookman.